

Martin Luther King e Ultimato têm algo em comum. O primeiro foi assassinado em abril de 1968, ano em que nascia o tablóide Ultimato.

“Prateleira” abre espaço hoje para o artigo “Negro, pastor, herói”, do bispo Robinson Cavalcanti, publicado pela revista Ultimato em 1988.

Negro, Pastor, Herói

Robinson Cavalcanti

Em abril passado o mundo inteiro registrou o 20º aniversário do assassinato do Rev. Dr. Martin Luther King Jr., pastor batista, Prêmio Nobel da Paz e campeão da causa dos direitos civis nos Estados Unidos. No Brasil, e particularmente na comunidade evangélica, a data passou praticamente despercebida. Por quê?

1. somos uma geração de cristãos sem memória, sem história, sem exemplos e sem heróis;
2. as igrejas evangélicas não estão a fim de homenagear heróis negros;
3. o Rev. Luther King era um mau exemplo de pastor, um antimodelo de acordo com os padrões ora vigentes por aqui: participava de passeatas, protestava, se engajava, apanhava da polícia, desobedecia às leis, era preso;
4. O Rev. King sofreu martírio ao tentar praticar o evangelho. Martírio está decididamente fora de moda. Terminar como mártir para a teologia da prosperidade é sinal de falta de fé ou de pecado oculto...

Ele teve um sonho. Ele mudou o curso da história. Quem conheceu a segregação racial e a situação dos negros norte-americanos naquele tempo e os vê hoje pode atestar a revolução social que aquela luta provocou.

Ele acalentou os sonhos de uma geração em todo o mundo. A minha, contemporânea dos fatos, e a seguinte, leitora ávida de sua biografia e de seus sermões.

Recordo-me, na década de 70 (a década da fechadura) nos acampamentos de jovens evangélicos no Nordeste: a Bíblia, um exemplar de “O Pasquim” e um livro sobre Luther King.

Recordo-me, ainda, de uma visita feita à Fellowship Farm House, uma fazenda retiro quacre onde ele teve a visão da resistência ativa pacífica (não à tentação da acomodação e não à tentação da violência).

Vale lembrar as suas palavras diante da arrogância e da violência dos brancos: “Deveremos enfrentar a vossa capacidade de infligir sofrimento com a nossa capacidade de agüentar sofrimento. Confrontaremos a vossa força física com a força da alma. Fazei conosco o que quiserdes e nós ainda vos amaremos. O perdão era o tema central de suas mensagens.

Qual a peregrinação intelectual desse homem?

Seu pai, seu avô materno e seu bisavô eram pastores. Sua base era a igreja de seu pai, a Batista

Ebenezer, em Atlanta, Geórgia. No Seminário Teológico Crozer, na Pensilvânia, leu Walter Rauschenbusch e Reinhold Neibuhr. Do primeiro guardou a lição de que é missão da Igreja mudar a sociedade, e do segundo a de que os poderes devem ser enfrentados. Ele leu clássicos alemães como Kant, Hegel e Marx. Ficou impressionado com a vida de Gandhi ouvindo o professor Mordecai Johnson. Leu Paul Tillich. Leu a “Desobediência Civil” de Thoreau e foi profundamente impressionado com a obra do pregador negro Howard Thurman, “Jesus e os Despossuídos”.

Na Universidade de Boston recebeu o título de Doutor em Teologia. Ali tornou-se admirador da filosofia cristã personalista de Borden Parker Bowne, que relaciona um Deus pessoal com a dignidade de todos os seres humanos. A sacralidade da pessoa é vista em sua inserção social.

Um último aspecto ressaltado por seus biógrafos é a sua fé na Constituição Federal dos Estados Unidos e sua cobrança de cumprimento.

Um homem da Igreja. Um homem da Bíblia. Mas, igualmente, um homem com uma sólida e vasta formação intelectual, mente aberta, sempre pronto a tudo examinar e reter o bem. Uma piedade e uma cultura a serviço de Deus e dos homens, a serviço da pátria, a serviço da vida.

Ontem visto como rebelde e impertinente, hoje tido como um herói nacional e um estadista do reino de Deus.

Menos de 40 anos de vida. Um ministério interrompido por uma bala assassina. Morre nos braços de seu assistente, o Rev. Jesse Jackson (a luta continua). Em vida foi caluniado e alvo de tentativas de chantagem por parte dos bisbilhoteiros profissionais da comunidade de informações (FBI) por sua co-beligerância com pessoas de outras ideologias e por episódios de sua vida privada.

Diante de tantas e tamanhas violações dos direitos humanos em nosso país (fome, nudez, desabrigo, doença, ignorância, tortura), onde estão os heróis cristãos? Nossas bandeiras bíblicas e históricas permanecerão em mãos alheias? Onde estão os pastores?

No frio inverno de 1966 cantei, como estudante na UCLA, “We Shall Overcome”: que negros e brancos unidos um dia haveriam de vencer, essa era a crença no fundo dos corações. Haveremos de vencer aqui também?

A esperança e a chama da fé não se apagarão enquanto jovens idealistas houver e, de vasos de barro, Deus suscitar santos exemplos.

Eu também tive um sonho.

• **Robinson Cavalcanti** é autor de [A Igreja, o País e o Mundo](#) e [Cristianismo e Política](#).

(Publicado originalmente na revista **Ultimato**, edição 195, julho de 1988)